



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

TEOLOGIA PRÁTICA PENTECOSTAL: PARTICULARIDADES, PERFIL E DESAFIOS NO SÉCULO XXI¹

*Pentecostal Theology Practice:
Special Features, Profile and Challenges in the 21st Century*

David Mesquiati Oliveira²
Bernardo Campos³

Resumo: Neste artigo, defendemos que é possível falar de uma Teologia Prática Pentecostal e que, ao falar das perspectivas dessa teologia, estamos, de algum modo, falando da Teologia Prática geral também, porque a Teologia Prática Pentecostal é parte da geral. Como ciência teológica, a Teologia Prática tem dois séculos de elaborações. Sendo matéria tão recente, ainda há muitas lacunas e especificidades a serem tratadas. Este artigo é uma contribuição nesse sentido, a partir do *ethos* pentecostal.

Palavras-chave: Teologia Prática. Pentecostais. Perspectivas.

Abstract: In this article we argue that it is possible to speak of a Pentecostal Practice Theology today and to talk about the prospects of this theology is to speak of General Practice Theology, because the Pentecostal Practice Theology is part of the general. It is a theological science which has only two centuries of elaborations. This science still has many gaps and specificities to be discussed. This article is a contribution in this direction, from the Pentecostal *ethos*.

Keywords: Practice Theology. Pentecostals. Prospects.

¹ O artigo foi recebido em 04 de setembro de 2016 e aprovado em 27 de setembro de 2016 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões (PPGCR) da Faculdade Unida de Vitória (UNIDA, Vitória/ES, Brasil); docente da Graduação em Teologia (UNIDA); coordenador do GP RELEP Brasil (Rede Latino-Americana de Estudos Pentecostais); coordenador do FPLC Brasil (Fórum Pentecostal Latino-Americano e Caribenho) e presidente da FTL Brasil (Fraternidade Teológica Latino-Americana). Atualmente faz pesquisa de pós-doutorado no PPGT da EST sob supervisão do Prof. Dr. Roberto Zwetsch. Doutor em Teologia pela PUC-Rio (Rio de Janeiro/RJ, Brasil), mestre em Teologia e bacharel em Teologia pela EST (São Leopoldo/RS, Brasil) e bacharel em Economia pela UFES (Vitória/ES, Brasil). Contato: david@faculdadeunida.com.br

³ Teólogo pentecostal peruano, doutor em Teologia pela Rhema University (EUA); mestrado em Antropologia pela Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, Peru; graduado em Teologia pelo ISEDET (Buenos Aires, Argentina), professor no Instituto Elias (ITE, Lima-Peru). Membro da RELEP (Rede Latino-Americana de Estudos Pentecostais) e do comitê diretivo do FPLC (Fórum Pentecostal Latino-Americano e Caribenho). Contato: ber.campos@gmail.com

Introdução

Defendemos que é possível falar de uma Teologia Prática Pentecostal e que, ao falar das perspectivas dessa teologia, estamos, de algum modo, falando da Teologia Prática geral também, porque a Teologia Prática Pentecostal é parte da geral. Como ciência teológica, a Teologia Prática tem dois séculos de elaborações. Sendo matéria tão recente, ainda há muitas lacunas e especificidades a serem tratadas. Este artigo é uma contribuição nesse sentido, a partir do *ethos* pentecostal.

Teologia Pastoral e Teologia Prática

A Teologia Prática tem buscado diferenciar-se da Teologia Pastoral, apesar de, em alguns círculos acadêmicos e eclesiais, ainda persistir a ideia de equivalência entre ambos os termos. A principal diferença é que a Teologia Pastoral se ocupa com “o agir da Igreja no mundo”⁴ e tem sido caracterizada por forte influência da concepção clerical e conotação hierárquica, centrada na figura do pastor, que exerce diversos ministérios, seja na perspectiva católica tradicional ou na protestante.⁵ Esse contato da igreja ou da teologia com o mundo é o principal ponto de encontro entre a Teologia Prática e a Teologia Pastoral. Mas a Pastoral está ocupada com a *ação da igreja na comunidade* enquanto a Prática ocupa-se com a *reflexão sobre esse agir* e os desafios da sociedade, como se a Teologia Prática fosse a autocrítica ou a consciência da Teologia Pastoral, sem com isso transmutá-las em prática e teoria, respectivamente.

O binômio *teoria-práxis* é inadequadamente carregado de sentido no senso comum. Júlio Zabatiero aponta que dessa forma a relação proposta entre eles é de situar o “prático” como *aquele que faz* e o “teórico” como *aquele que pensa*. E afirma: “prática irrefletida tem *pouquíssima* eficácia. Teoria bem formulada é *extremamente* prática. Para ser bem formulada, no entanto, a teoria deve nascer da prática”⁶. Uma inadequada percepção da relação entre teoria e prática tem levado a extremos improficuos, que obstruem o desenvolvimento de uma teologia que deve ser vista em sua amplitude indivisível.

Segundo Casiano Floristán:

A Teologia Pastoral é a reflexão teológica da *ação eclesial*, entendida como atualização da *práxis de Jesus* pela Igreja, para a implantação do *reino* de Deus na sociedade, mediante a constituição [construção] do *povo* de Deus em estado de *comunidade* cristã. Dito de outro modo, é o esforço reflexivo ou teórico que faz a Igreja através de suas

⁴ LIBÂNIO, João Batista. *O que é pastoral*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 10.

⁵ Cf. HOCH, Lothar Carlos. Teologia pastoral. In: BORTOLLETO, F. (Org.). *Dicionário brasileiro de teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 975.

⁶ ZABATIERO, Júlio. *Fundamentos da teologia prática*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 15.

comunidades, com a ajuda imprescindível dos teólogos, para entender e promover a vida comunitária cristã em um mundo mais justo e mais solidário⁷.

Por definição, a Teologia Pastoral em sua dimensão *ad intra*, para dentro da igreja, e *ad extra*, para fora da igreja, tem a ver com as diversas áreas ministeriais ou de serviço da igreja. De acordo com Xavier Leon Dufour, as palavras “ministro” e “ministério”, calcadas no latim da Vulgata, correspondem ao grego *diakonos* e *diakonia*. Esses dois termos não pertencem à linguagem religiosa da Septuaginta, que os emprega raras vezes em sentido profano (Et 1.10; 6.1-5). Na Vulgata latina, *minister* traduz o hebraico *mesaret* (cf. Êx 24.13: Josué, servidor de Moisés), que pode designar os sacerdotes e/ou ministros do culto (Is 61.6; Ez 44, 11; Jl 1.9).⁸

Na história da teologia se distinguia entre as realidades terrestres e as realidades celestes, como dois planos diferenciáveis e demarcados entre a teologia e outras ciências. A teologia deveria referir-se ou centrar-se em temas estritamente espirituais, deixando para as outras ciências os temas terrenos. O giro copernicano na teologia veio como efeito da modernidade, ao assumir o ser humano (antropocentrismo) como eixo da produção teológica. A teologia se faria com e a partir da revelação, mas olhando “de baixo”, da existência humana.

O critério de verificação já não seria unicamente a ortodoxia (a correta doutrina), senão, sobretudo, a *ortopraxis* e a *orthopathia*. A *ortopraxis* é a ação correta da igreja, diferente de outras práxis ou da práxis dissociada da moral que não emana da ética cristã. A *orthopathia* é o sentir e sofrer corretos. Em perspectiva latino-americana, a experiência de pobreza, sofrimento, solidão, exclusão, migração, vitimização pela violência de todo tipo etc., representa a condição a partir da qual se busca um sentido espiritual para essas realidades. Por um lado, para superar a angústia (sublimação), e, por outro, para reformulá-la como uma *orthopatía*, isto é, convertendo o mal do sofrimento em um sofrimento redentor ou libertador. De acordo com Samuel Solivan, *orthopathos*⁹ é a maneira como convertemos o sofrimento em libertação e o conhecimento em prática.

O desafio é levar o sacrifício ou sofrimento de Cristo a um ideal de vida cristã. Não basta *dizer* bem as coisas (*ortodoxia*), tem que *fazer* bem ou corretamente (*ortopraxis*), e, além disso, *sofrer* corretamente as consequências de nossos atos por causa da fé em Cristo (*orthopathos*).

Uma coisa é olhar a terra e seus habitantes como “de cima” (K. Barth) e outra é olhar “de baixo”, a partir de Jesus de Nazaré, o Cristo, o Deus encarnado (W. Panenberg, J. L. Segundo). O primeiro olhar “de cima” é mais autoritativo e normativo, mas perde de vista o ser humano concreto e universaliza a palavra de Deus sem distinguir particularidades. O segundo, “de baixo”, enfrenta os problemas humanos “cara a

⁷ FLORISTÁN, Casiano. En búsqueda de la teología práctica. In: BOSCH, Juan; TAMAYO, Juan José. (Eds.). *Panorama de la teología española*. 2. ed. Estella: Verbo Divino, 1999. p. 273.

⁸ DUFOUR, Xavier Léon. *Vocabulario de Teología Bíblica*. Barcelona: Herder, 1965. p. 473-475.

⁹ SOLIVAN, Samuel. *The Spirit, Pathos and Liberation*. Toward a Hispanic Pentecostal Theology. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998. p. 61-69.

cara” e elabora respostas para cada caso em particular, mas pode perder autoridade e relativizar a mensagem divina.

Com o Concílio Vaticano II surgiram oficialmente os agentes de pastoral católicos, os leigos engajados. Com esse novo expediente a Igreja Católica ampliava seu alcance e sua capilaridade, levando adiante iniciativas de diversas pastorais específicas. No entanto, essa ação pastoral buscava alcançar diferentes setores da sociedade com o ensino da doutrina ou da moral cristã católica, uma transmissão de conteúdos “prontos”. Trata-se de uma preocupação com a eficácia do contato da igreja com a sociedade, estando no campo da arte e da técnica, representando o sentido mais restrito de “pastoral”.¹⁰

A vocação da Teologia Pastoral para a *prática* é vista no interesse dos pastora- listas em buscar “ajudas concretas que facilitem a sua missão quotidiana nos diversos âmbitos da ação pastoral”¹¹, sob o risco de transformar a Teologia Pastoral em uma tecnologia ou em uma teologia aplicada e sem lugar teológico específico. Não podemos confundir essa noção de prática ao pensar em uma Teologia Prática. Zabatiero nos auxilia uma vez mais:

Fazer teologia prática é refletir criticamente sobre a teologia que praticamos em nosso contexto. Na linguagem bíblica, é exercer sabedoria e discernimento. A reflexão teológica, porém, embora surja da prática, não se alimenta dela. Seu alimento é teórico. Trata-se de *discursos* outros sobre a prática¹².

Dessa forma, a Teologia Prática vê-se como uma ciência teológica própria.¹³ É mais abrangente que a Teologia Pastoral ao incluir as demandas da sociedade, da comunidade de fé e da necessária coerência entre o ser-igreja-no-mundo com as Escrituras e a tradição. Por isso não é mera ciência da ação ou teologia aplicada. A função da Teologia Prática é ser “consciência crítica da Igreja e da própria teologia no sentido de lembrá-las da sua finalidade última: a prática eficaz da fé”¹⁴. A Teologia Prática abre os olhos da teologia e da igreja para enxergar o mundo e autocriticar suas ações no mundo.

¹⁰ CALVO, Francisco Javier. Teologia pastoral/teologia prática. In: FLORISTÁN, Casiano; TAMAYO, Juan José (Dir.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 805.

¹¹ CALVO, 1999, p. 804.

¹² ZABATIERO, 2005, p. 15.

¹³ HOCH, 2008, p. 975.

¹⁴ HOCH, Lothar Carlos. O lugar da Teologia Prática como disciplina teológica. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 2005. p. 33.

Particularidade da Teologia Prática Pentecostal

A Teologia Prática Pentecostal (a partir da pentecostalidade¹⁵) erige-se a partir das experiências pentecostais e de sua identidade sociocultural e religiosa.¹⁶ Sua especialidade advém de seu gênio e figura, de sua idiossincrasia, assim como de seu tratamento de lugares comuns. É a resposta dos pentecostais ao contexto específico, não só como ação eclesial, mas sobretudo como reflexão teológica sobre esse agir considerando as demandas sociais e culturais da região.

O *sujeito* da Teologia Prática Pentecostal é a comunidade pentecostal em sua complexidade e diversidade. Poder-se-ia considerar aqui, para este fim, uma tipologia do pentecostalismo¹⁷ em três grandes vertentes: clássico ou tradicional, neopentecostal e pós-pentecostal. Dentro do primeiro se incluirá a vertente do pentecostalismo indígena.

O *objeto* da Teologia Prática Pentecostal é a situação presente, mas especialmente a realidade dos fiéis pentecostais e de quantos homens e mulheres de boa vontade cheguem às comunidades pentecostais em busca de uma resposta específica de Deus para algum aspecto de suas vidas.

O *objeto material* da Teologia Prática Pentecostal é a manifestação da pentecostalidade universal por meio dos pentecostalismos e de outras experiências não pentecostais do pentecostal.

Se o *objeto formal* da Teologia Prática Pentecostal tem que ser a situação presente, isso significará considerar os problemas específicos (migrações, problemática étnica, pobreza, opressão demoníaca, enfermidades e dolências, “desvios” e patologias sociais), que convocam os aderentes à busca de respostas concretas dentro dos pentecostalismos: curas, milagres, transformação de vidas, exorcismos, consolação, terapias diversas etc. Isto é, a oferta simbólica dos pentecostalismos que responde à demanda específica dos fiéis e adeptos do continente.

Os *fins* da Teologia Prática Pentecostal são os mesmos da Teologia Prática em geral. Não pode ser outro na medida em que a Teologia Prática Pentecostal é parte da Teologia Prática geral.

¹⁵ O conceito de pentecostalidade foi proposto por Bernardo Campos. A pentecostalidade seria a experiência fundante de uma espiritualidade universal dada a partir da experiência do Cristo ressurreto do Pentecostes: “Não se trata, portanto, de pentecostalizar a Igreja, para que esta cresça integralmente, mas de renová-la espiritualmente à luz da experiência universal de Pentecostes, na vocação da unidade da Igreja e do gênero humano, por quem Cristo morreu e ressuscitou”. CAMPOS, Bernardo. Na força do Espírito: pentecostalismo, teologia e ética social. In: GUTIÉRREZ, Benjamin F.; CAMPOS, Leonildo S. (Eds.). *Na força do Espírito: os pentecostais na América Latina – um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: Pendão Real; Guatemala: AIPRAL, 1996. p. 60.

¹⁶ Sobre a pentecostalidade na missão, ver, por exemplo: OLIVEIRA, David Mesquiati. Pentecostalidade da missão latino-americana: uma nova reforma na igreja? In: *Revista Reflexus*, Vitória, v. 5, n. 6, p. 89-98, 2011b; OLIVEIRA, David Mesquiati. *Missão, cultura e transformação*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2011a.

¹⁷ Para uma taxonomia ou tipologia mais extensa ver, por exemplo: CAMPOS, Bernardo. *El principio pentecostalidad*. Santiago de Chile: CEEP, 2016. cap. 3.

O método da Teologia Prática Pentecostal em essência é o mesmo da Teologia Prática em geral, com uma particularidade, que é partir da situação presente, mas com um olhar que a diferencia de outras teologias na interpretação da realidade. Para os pentecostais, a realidade tem outras dimensões que só podem ser percebidas no âmbito espiritual; requerem não só uma hermenêutica científica e contextual, mas também uma “hermenêutica do Espírito”¹⁸, com discernimento espiritual. O método, portanto, muda em função da natureza do objeto material. A ação pastoral é, portanto, uma espiritualidade e uma mística que convida a outras lógicas e formas de conhecer. Sonhos e visões, por exemplo, fazem parte da realidade do pentecostal como qualquer outro fator. Da mesma forma, a percepção de como atuariam os anjos e os demônios ou mesmo a ideia sobre a intervenção divina na história é qualitativamente distinta de outras tradições cristãs.

Não há uma estrutura única. Essa se deve às diferentes situações da realidade à que responde, mas em geral se orienta pela fé e pelo Espírito Santo, que guia suas ações. É espontânea e versátil. Obedece aos imperativos éticos iluminados pela pentecostalidade e é, em definitiva, mais pragmática, porque toma daqui e de lá segundo a necessidade. É dito, não sem razão, que a Teologia Pentecostal é uma teologia de mosaicos, porque com fragmentos da doutrina de quase todas as confissões constrói um mosaico de verdades, que valem para um momento determinado e que logo não servem para outra ocasião.

Sua interdisciplinaridade não passa por um diálogo entre a teologia e outras ciências, mas em geral entre as ciências (incluída a teologia) e a fé, entre o natural e o sobrenatural, entre a realidade presente e o futuro escatológico, entre a visão apocalíptica da vida e os messianismos, entre a cidade de Deus e a cidade terrena, entre o reino de Deus e o reino das trevas, entre o poder de Deus e os poderes demoníacos.

A relação entre a Teologia Prática Pentecostal e a teologia global não pode ser outra que um diálogo dinâmico e enriquecedor. Por especializar-se na lógica do Espírito e na mística, a Teologia Prática Pentecostal provê conhecimentos à Teologia Prática e à teologia em geral. Ao nutrir-se de fontes diversas de conhecimentos, a Teologia Prática Pentecostal investiga dimensões novas ou não estudadas pela teologia geral. A Teologia Prática Pentecostal vale-se dos dados que vêm da teologia bíblica, da teologia histórica e da teologia dogmática em correlação com outras ciências. A Teologia Prática Pentecostal deve validar-se a si mesma como ciência formal com argumentos próprios das ciências teológicas. A Teologia Prática Pentecostal, pela natureza dos seus conteúdos, deve dialogar com as “ciências do espírito” ou da cultura e fundar-se em teorias que aludam a realidades metafísicas ou sobrenaturais. Em outras palavras, dialogar com ciências cujos objetos materiais sejam os mesmos: experiências extrasensoriais, experiências espirituais, realidades não convencionais, zonas experimentais, inteligências múltiplas, entidades não materiais etc.

¹⁸ Cf. CAMPOS, Bernardo. *Hermenêutica del Espíritu*. Lima: ITE, 2015.

O perfil de uma Teologia Prática Pentecostal

O labor de uma Teologia Prática Pentecostal deveria poder esboçar o processo de construção da identidade pentecostal e, ao mesmo tempo, sondar os elementos que sirvam como prolegômenos para a construção comunitária de uma Teologia Pentecostal hispano-lusitana a partir do “pentecostal” como movimento social e relacionado à sua identidade. Em poucas palavras, imaginar as fronteiras da identidade pentecostal no caminho da constituição do sujeito pentecostal produtor de teologia. Com esse fim, pode-se seguir o caminho das três mediações propostas por Clodovis Boff.¹⁹

Primeiro, a *mediação socioanalítica* na qual deveríamos vislumbrar grosso modo a realidade do continente no marco da mundialização. Refletir sobre os problemas de maior urgência e que merecem uma abordagem socioeconômica, política, cultural e religiosa. Isso supõe uma leitura da realidade com o auxílio das ciências sociais, mas com o objetivo claro de transformar o mundo.

Segundo, a *mediação hermenêutica* recolheria nossa interpretação bíblico-teológica do que entendemos ser as bases gnosiológicas da identidade pentecostal como sendo uma expressão pneumática (historização) da identidade cristã, ou uma atualização histórica do sentido fundacional do *Pentecostes*.²⁰ Veríamos ali como as comunidades pentecostais sendo parte do tecido social mais amplo agregam um sentido novo a seu ser-no-mundo e como, a partir da religião²¹, constroem um sentido novo de cidadania nesta terra, inspirados na utopia de uma cidadania celestial²² na visão mais concreta do reino de Deus hoje e aqui. Esse terceiro momento procura o sentido e o significado fundados socialmente pelos pentecostais como forma de expressar sua “mesmidade” em relação oposta a seus semelhantes, sempre em direção ao projeto do reino de Deus e de regresso ao Pai.

Terceiro, seguindo a dialética teoria-práxis ou *mediação prático-política*, em relação com o contexto social contemporâneo, elaborar sugestões de ação pastoral com propostas e projetos alternativos buscando alcançar mudanças sociais profundas ou de longo alcance. Naturalmente “não com espada nem com exército, senão pelo Espírito de Deus”.

A Teologia Prática Pentecostal busca sintonizar, por um lado, as experiências pentecostais tidas como do Espírito Santo e que seriam responsáveis pelo dinamismo

¹⁹ Cf. BOFF, Clodovis. *Teologia e prática*. Teologia do político e suas mediações. Petrópolis: Vozes, 1982.

²⁰ O evento Pentecostes é tido pelas comunidades pentecostais como normativo (válido para a igreja em todos os tempos) e com forte conotação restauracionista, na expectativa de reviver os tempos apostólicos. Cf. CAMPOS, 1996, p. 47-62; CAMPOS, Bernardo. *Da reforma protestante à pentecostalidade da Igreja*. Debate sobre o pentecostalismo na América Latina. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2002.

²¹ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo*. Um estudo sobre a religião popular. São Paulo: Brasiliense, 1980.

²² MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES Filho, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990. p. 11-59. Cf. também: WINARCZYK, Hilario. *Ciudadanos de dos mundos*. El Movimiento evangélico en la vida pública argentina 1980-2001. Buenos Aires: UNSAM, 2009.

da igreja e, por outro, o diálogo interdisciplinar.²³ As outras igrejas também se sintonizam com o Espírito, mas o fazem por vias preferenciais de acesso distintas, como pela liturgia e celebrações, pelo estudo e exposição sistemática das Escrituras etc. A Teologia Pentecostal é uma teologia elaborada a partir de fortes elementos sensoriais e de afeto.

O desafio de uma Teologia Prática Pentecostal

A Teologia Prática Pentecostal tem sido uma teologia intuitiva e, ao mesmo tempo, recolhida de outras tradições denominacionais, inclusive do catolicismo. Contudo, cremos que chegou o tempo de articular uma Teologia Prática Pentecostal que vá além de manuais de culto e de aconselhamento ou mesmo de formação de líderes. Uma teologia que, como apontou K. Rahner²⁴, seja a base de toda a articulação teológica.

Partindo de sua experiência social e sua própria experiência religiosa, o pentecostalismo pode fazer teologia latino-americana em perspectiva pentecostal. Uma teologia que dê resposta a distintas problemáticas da realidade social a partir de uma nova leitura das Sagradas Escrituras, no marco de uma hermenêutica do Espírito.²⁵

Tratar-se-ia de uma construção coletiva, pois é a comunidade inteira que, como sujeito teológico, reflexiona sobre as realidades e elabora uma resposta que coloca na sociedade a mensagem de Deus oportuna, pertinente e esperançadora.

Mas esse esforço específico está sujeito a muitos riscos. Destacaremos a seguir os principais riscos que deverá enfrentar uma Teologia Prática Pentecostal no século XXI. Muitos deles não são novos nem específicos do pentecostalismo, o que evidencia sua força e, juntos, criam um verdadeiro entrave ou definhamento para essa nascente disciplina teológica.

O primeiro grande risco tem a ver com a antiga tentação do *pragmatismo* e do *empirismo*, que sempre estiveram rondando a Teologia Pastoral e a Teologia Prática. Focar-se em questões práticas e do cotidiano em detrimento da reflexão contínua sobre o conjunto da ação tem permitido seguir com modelos de ação inadequados. A criatividade tem ficado restrita à aplicação da velha teoria. Combinado com o *fundamentalismo*, o perigo aumenta, uma vez que há um engessamento dos objetivos da ação eclesial. As críticas que surgirem ao modelo serão rapidamente consideradas desvios teológicos, pois a teologia estaria “pronta”, restando a quem estiver “na ponta” a simples tarefa de encontrar caminhos mais efetivos de aplicação. Contra essa postura Júlio Zabatiero afirma:

²³ Ver, por exemplo, OLIVEIRA, David Mesquiati. Reforma protestante, educação teológica e indigeneidade: os pentecostais e os Tupinikim. In: *Revista Reflexus*, Vitória, v. 10, n. 15, p. 53-74, 2016.

²⁴ Cf. RAHNER, Karl. Pastoraltheologie – ein Überblick. In: *Sämtliche Werke*. Düsseldorf: Benziger; Freiburg: Herder, 1995. v. 19.

²⁵ Kenneth Archer e vários outros teólogos biblistas pentecostais estão envolvidos em sistematizar e contribuir para o desenvolvimento de uma hermenêutica pentecostal. Ver, por exemplo, ARCHER, Kenneth J. *A Pentecostal Hermeneutic: Spirit, Scripture and Community*. Cleveland: CPT Press, 2009.

O discurso é *crítico* porque não se pode conceber *perfeita, completa* ou *absoluta* a ação cristã no mundo, pois seria idolatria – e este é um risco que a igreja sempre corre, à medida que uma das tendências do ser humano é sempre considerar corretas as próprias ações, deixando os erros para os outros. [...] Deve-se ressaltar particularmente o caráter provisório e dialogal de toda elaboração teológica, sob o risco de a teologia transformar-se em letra morta e fonte de divisão e confusão na igreja²⁶.

Por exemplo, no tocante à missão, não se trata de enviar mais e mais missionários como as igrejas pentecostais seguem fazendo, considerando que a crise na missão está relacionada com a pouca quantidade de obreiros. A teologia da missão avançou hoje para o debate sobre o que significa a missão em um mundo plural. Desvencilhar-se da ideia de conquista do mundo, da pretensão de dominação do outro, da intolerância para com as demais religiões etc. parece ser a agenda mais urgente. Não que as igrejas pentecostais devam suspender seus planos evangelizadores, mas precisam refletir e ampliar o que se entende por missão, incluindo questões sociais, ambientais, compromisso com a justiça etc. Como bem apontou Francisco Calvo, por um lado, não se contentar com as análises sociológicas e congêneres, pois precisará tratá-las teologicamente e, por outro, não se contentar em pressupor indiscutíveis as normas e os princípios da realização da igreja no mundo.²⁷

A Teologia Prática Pentecostal será demandada a oferecer subsídios que ultrapassem a dimensão espiritual ou da fé dos que creem para alcançar as demais dimensões da existência humana e social e elaborar uma teologia cidadã integradora e humanizadora. Nesse sentido, a Teologia Prática precisa dialogar com outras teologias, especialmente com a teologia política e com a teologia pública, além de dialogar com as ciências sociais, sem estabelecer uma relação de subserviência. O desafio maior aqui é o de relacionar de forma dinâmica e retroalimentadora o binômio teoria-práxis.

O narcisismo da igreja ao ver suas ações ou mesmo a instituição como o centro e não a sociedade como um todo (tanto a Criação como as relações humanas) é também um risco grande nesse período. A igreja é parte da sociedade e como tal deveria estar sempre a serviço e não como um fim em si mesmo. O desafio é agir (de forma autocrítica) no mundo buscando sua transformação, mas sem imposições (não agir como se fosse *mão única*, mas dialogicamente). É preciso resguardar a liberdade e promover a justiça, afinal, esse é o horizonte do reino de Deus em que tanto a teologia como a igreja se orientam. Uma eclesiologia excessivamente preocupada consigo mesma deveria sofrer reorientação para receber influxos do Espírito e tornar-se uma eclesiologia dinâmica, alimentada e dirigida pelo Espírito.

Outro risco e ao mesmo tempo oportunidade para a Teologia Pentecostal Prática está relacionado com os próprios atores/construtores. Os pentecostais já contam com uma experiência de vida comunitária muito intensa. Poderão aproveitar essa expertise e utilizar a vida comunitária para seguir construindo sua teologia, sem depender excessivamente dos especialistas. A comunidade do Espírito tem discernimento e

²⁶ ZABATIERO, 2005, p. 28-29.

²⁷ Cf. CALVO, 1999, p. 808.

criatividade, uma vez que o Espírito tem milhões de caminhos para atuar. O crescente número de teólogos pentecostais com formação teológica de alto nível não poderá ter a pretensão de substituir a comunidade em seu labor teológico comunitário, antes, o de oferecer instrumental e assessoria. O risco pode ser ainda maior, o de converter a teologia pentecostal em um discurso que não corresponda ao que vivem as comunidades de fato.

Sobre a defesa da Teologia Prática como ciência teológica, isso não deveria servir para instrumentalizá-la pela razão cartesiana racionalista. Em lugar disso, seu desafio é o de fazer ciência de modo a utilizar as categorias que mais favoreçam o movimento pentecostal, como a experiência, o afeto e o sentimento, que democratizam o acesso aos conteúdos e às elaborações “pentecostais”.

Falando em termos gerais, o pensamento de Júlio Zabatiero ajudaria neste momento:

Concebida como discurso, é preciso superar a ideia de que teologia só é feita por *teólogos*, por “profissionais” que se isolam da comunidade e vivem em meio a livros, textos e computadores. O papel do *teólogo* na igreja é partilhar a reflexão e estimular o pensamento e a ação críticos e construtivos²⁸.

José Comblin foi ainda mais específico:

O Evangelho é levado por pessoas vivas, nas quais a vida, os atos e os comportamentos esclarecem as palavras. Os discursos, as intervenções, os apelos recebem a sua força da pessoa. Os evangelizadores são pessoas comuns que vivem intensamente o Evangelho²⁹.

Não podemos criticar a Teologia Pastoral por ser de conotação clerical e desenvolver uma Teologia Prática a partir do teólogo profissional. Não sanamos o problema de fundo, que é o de perpetuar a tutela sobre a comunidade de “leigos”. Como sinalizou Lothar C. Hoch, o lugar da Teologia Prática não é nem na universidade (devido o academicismo) nem na corte eclesiástica (instrumento de controle e tutela da fé), mas tem seu lugar com a comunidade.³⁰ A comunidade é cossujeito do labor teológico no poder do Espírito.

Conclusão

A Teologia Prática Pentecostal precisará superar aquele lugar reservado ao saber especial que prepara líderes para o ministério pastoral e as discussões sobre a vida eclesial e suas ações específicas, pois ainda estaríamos tratando de uma Teologia Pastoral. Seu olhar deve ampliar-se para as demandas da sociedade e para o conjunto

²⁸ ZABATIERO, 2005, p. 27.

²⁹ COMBLIN, José. *A força da palavra*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 392, 393.

³⁰ HOCH, 2005, p. 27.

de comunidades (e não de um pastor individual ou a partir do ministério ordenado) e encontrar lugar próprio nas comunidades do Espírito (que vivem a pentecostalidade) para que com ousadia e discernimento possa repensar, criticar e apontar novos caminhos e práticas para a Teologia Pentecostal e para as igrejas pentecostais. Seu compromisso é o de alimentar uma eclesiologia dinamizada pelo Espírito em seus milhões de caminhos e modos de agir profético e transformador. Para isso precisa superar o recorrente desprezo da realidade social na teologia tradicional e elaborar uma teologia que contribua não só para o desenvolvimento e a maturidade da fé, mas também para o desenvolvimento da sociedade civil, promovendo a justiça, a paz e o amor fraterno – as bases do reino de Deus.

O amadurecimento de uma Teologia Prática Pentecostal no século XXI poderá contribuir também para ajudar a ordenar o confuso cenário da Teologia Pastoral Pentecostal, com seus múltiplos e por vezes contraditórios percursos, assediados pelo proselitismo, pela intolerância com outras religiões etc. A reflexão autocrítica poderia ajudar a encontrar soluções a partir de dentro, do *ethos* pentecostal. Temas importantes aqui são: diálogo (com outros saberes – teológicos ou não – e com outros atores sociais – religiosos ou não); noção de cuidado (para além das obrigações e deveres, como modo de ser); compromisso com a justiça (sentir-se vocacionado para o mundo, não como se estivesse fora dele, mas sendo igreja-no-mundo comprometida com a sua transformação); e espiritualidade encarnada (plasmar na realidade social as experiências com o Espírito).

Por último, mas não menos importante, a Teologia Prática Pentecostal precisa assumir a mística pentecostal (por meio da experiência do Espírito, das emoções e do afeto) não como apêndice, mas como via de acesso ao conteúdo da sua espiritualidade, força motriz da ação das igrejas pentecostais no mundo. E fazê-lo não de forma ocasional, mas como modo de ser da Teologia Pentecostal.

Referências

- ARCHER, Kenneth J. *A Pentecostal Hermeneutic: Spirit, Scripture and Community*. Cleveland: CPT Press, 2009.
- BOFF, Clodovis. *Teologia e prática*. Teologia do político e suas mediações. Petrópolis: Vozes, 1982.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo*. Um estudo sobre a religião popular. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- CALVO, Francisco Javier. Teologia pastoral/teologia prática. In: FLORISTÁN, Casiano; TAMAYO, Juan José (Dirs.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 804-812.
- CAMPOS, Bernardo. *El principio pentecostalidad*. Santiago de Chile: CEEP, 2016.
- _____. *Da reforma protestante à pentecostalidade da Igreja*. Debate sobre o pentecostalismo na América Latina. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2002.
- _____. *Hermenêutica del Espíritu*. Lima: ITE, 2015.
- _____. Na força do Espírito: pentecostalismo, teologia e ética social. In: GUTIÉRREZ, Benjamin F.; CAMPOS, Leonildo S. (Eds.). *Na força do Espírito: os pentecostais na América Latina – um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: Pendão Real; Guatemala: AIPRAL, 1996. p. 49-62.
- COMBLIN, José. *A força da palavra*. Petrópolis: Vozes, 1986.

- DUFOUR, Xavier Léon. *Vocabulario de teología bíblica*. Barcelona: Herder, 1965.
- FLORISTÁN, Casiano. En búsqueda de la teología práctica. In: BOSCH, Juan; TAMAYO, Juan José. (Eds.). *Panorama de la teología española*. 2. ed. Estella: Verbo Divino, 1999
- LIBÂNIO, João Batista. *O que é pastoral*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- HOCH, Lothar Carlos. Teologia pastoral. In: BORTOLLETO, F. (Org.). *Dicionário brasileiro de teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 975-976.
- _____. O lugar da Teologia Prática como disciplina teológica. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 2005. p. 21-35.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES Filho, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990. p. 11-59.
- OLIVEIRA, David Mesquiati. *Missão, cultura e transformação*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2011a.
- _____. Reforma protestante, educação teológica e indigeneidade: os pentecostais e os Tupinikim. In: *Revista Reflexus*, Vitória, v. 10, n. 15, p. 53-74, 2016.
- _____. Pentecostalidade da missão latino-americana: uma nova reforma na igreja? In: *Revista Reflexus*, Vitória, v. 5, n. 6, p. 89-98, 2011b.
- RAHNER, Karl. Pastoraltheologie – ein Überblick. In: *Sämtliche Werke*. Düsseldorf: Benziger; Freiburg: Herder, 1995. v. 19.
- SOLIVAN, Samuel. *The Spirit, Pathos and Liberation*. Toward a Hispanic Pentecostal Theology. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998.
- WINARCZYK, Hilario. *Ciudadanos de dos mundos*. El Movimiento evangélico en la vida pública argentina 1980-2001. Buenos Aires: UNSAM, 2009.